

A REPRESENTAÇÃO DA PERSONAGEM BRUXA NOS LIVROS DE LITERATURA INFANTIL CONTEMPORÂNEOS

Autora: Anna Carolyna Franco Américo¹
Graduanda em Pedagogia - FaE/UFMG - Bolsista Prograd/ UFMG;
annacarolyna2008@hotmail.com

Co-autora: Prof^aDr^a Celia Abicalil Belmiro²
Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino - FaE/UFMG
celiaabicalil@gmail.com

Os livros de literatura infantil contemporâneos têm apresentado, de forma geral, alterações importantes na caracterização de personagens tradicionais. Uma delas é a personagem bruxa, que vem ganhando destaque como protagonista. A importância da representação da figura da bruxa na tradição literária se dá uma vez que ela faz parte e contribui para a construção do imaginário infantil, além de auxiliar na reflexão sobre outros elementos narrativos, tais como: o significado do bem e mal para o desenvolvimento da trama; a construção do fio narrativo enredado por sua presença; a sua importância para o atingir do clímax da história; além da identificação das crianças com essa personagem, que atribuem significados, muitas vezes diferentes dos conferidos pelo público adulto. Todavia, o que se vê hoje é uma figura que foge aos estereótipos das bruxas tradicionais: muitas delas praticam o bem, são bem humoradas e vivem em bairros residenciais de grandes cidades – muito diferente da realidade ficcional vivenciada pelas vilãs dos contos de tradição oral. Deve-se perguntar, então, que mudanças estéticas e atitudinais as tornam novas figuras. Visando compreender essa tendência, o presente trabalho se propõe a analisar as transformações na caracterização dessa personagem, destacando as diferentes estratégias de sua elaboração. Os princípios teóricos que orientaram o presente trabalho baseiam-se no conceito de personagens híbridas (LAITANO, 2008), na contribuição em perspectiva histórica da construção da personagem bruxa (MACHADO, 2015), na descrição da bruxa na literatura do século XX, explorando suas múltiplas facetas (MENON, 2008). Além disso, articulamos essa discussão à lentes teóricas que auxiliam o entendimento do contexto histórico-social em que a literatura infantil se fundamentou e desenvolveu (NASCIMENTO, 2006), (COELHO, 1995) e (ZILBERMAN, 2004). No presente trabalho, foram selecionados

¹ Aluna do oitavo período do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Minas Gerais.
annacarolyna2008@hotmail.com

² Professora adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.
celiaabicalil@gmail.com

três livros de literatura infantil. Como resultado, observa-se que o contexto histórico-social influencia e altera padrões, ainda que algumas características sejam mantidas.

Palavras Chave: Literatura Infantil – Bruxa – Estereótipos

Abstract

Contemporary children's literature has presented, in general, important changes in the characterization of traditional characters. One of them is the witch character, who has been gaining prominence as a protagonist. The importance of the representation of the witch figure in the literary tradition is given as it is part and contributes to the construction of the children's imagination, as well as to help in the reflection on other narrative elements, such as: the meaning of good and evil for development of the plot; the construction of the narrative thread entangled by its presence; its importance for reaching the climax of history; besides the identification of children with this character, who attribute meanings, often different from those conferred by adult audiences. However, what is seen today is a figure who escapes the stereotypes of traditional witches: many of them practice good, humorous and live in residential neighborhoods of large cities - very different from the fictional reality experienced by the villains of oral tradition tales. It should be asked, then, what aesthetic and aesthetic changes make them new figures. Aiming to understand this tendency, the present work proposes to analyze the transformations in the characterization of this character, highlighting the different strategies of its elaboration. The theoretical principles that guided the present work are based on the concept of hybrid characters (LAITANO, 2008), the contribution in historical perspective of the construction of the witch character (MACHADO, 2015), in the description of the witch in 20th century literature, multiple facets (MENON, 2008). In addition, we articulate this discussion to the theoretical lenses that help the understanding of the historical-social context in which children's literature was founded and developed (NASCIMENTO, 2006), (COELHO, 1995) and (ZILBERMAN, 2004). In the present work, three books of children's literature were selected. As a result, it is observed that the historical-social context influences and alters standards, although some characteristics are maintained.

Keywords: Children's literature – Witch – Stereotypes

Introdução

O ser nefasto sempre esteve presente na história. A dualidade entre bem e mal é importante para as motivações humanas, visto que possibilita a busca pela vitória e que popularmente acontece àqueles que praticam o bem. Bruxas e feiticeiras ganharam destaque a partir da Santa Inquisição, instituída pela Igreja Católica, porém sua presença já existia desde a mais remota Antiguidade (ECO, 2014). Todavia, quem de fato se enquadrava nessas figuras? Quais eram suas atitudes? Por que esses serem representavam tanta ameaça para a fé cristã da época? Perguntas como essas nos permitem entender o contexto sócio-histórico em que essas mulheres estavam imersas.

Segundo Novinsky (1996), não há uma data de início precisa para a Inquisição medieval. Ela foi produto de uma construção social dos fins do século XIII, em que a Igreja Católica e o Papado estavam ameaçados por uma série de fatores que questionavam os dogmas e as tradições apostólicas. Essa instituição jurídica da Igreja tinha como principal objetivo julgar e punir os crimes contra a fé – judaísmo, blasfêmia, luteranismo, protestantismo, etc. – e contra a moral e os bons costumes – bigamia, feitiçaria, etc. Nos documentos do Santo Ofício destacam-se a presença feminina em crimes, em grande parte dos casos, acusadas por atitudes suspeitas, como realização de feitiços e utilização de poderes sobrenaturais. Essas mulheres eram popularmente chamadas de bruxas e feiticeiras. Seus castigos por tais práticas eram, dentre outros, a morte violenta em fogueiras, nas praças públicas, como o caso clássico de Joana D’Arc³.

Na literatura infantil, sua presença já é marcante desde os contos clássicos, como em João e Maria, A Branca de Neve, A Bela Adormecida, dentre outros. A fim de representar uma personagem que provocasse medo e hostilidade no público infantil, criou-se a figura de uma mulher, na maior parte das vezes velha, fora dos padrões, trajadas com roupas escuras e botas bicudas, com muitas rugas e verrugas no rosto, além de habitar cavernas ou casas assombradas, acompanhadas de animais, como sapos, corvos ou corujas.

A presença dessa personagem na literatura infantil ganhou destaque com os contos da tradição oral. Neles, ela cumpria o objetivo de amedrontar e garantir que as crianças fossem educadas, civilizadas e obedientes aos seus responsáveis.

Baseando-se neste contexto, o universo literário infantil intensificava o pavor por esses seres. Os contos de fadas as retratam com um estereótipo extremamente assustador, como sugere Jacoby:

O aspecto físico de bruxa, explicitado pelo narrador, intensifica, com a metalinguagem, a consciência de imagem construída e caricatural: Tinha um par de olhos perfeitos para uma bruxa, isto é, grandes, esbugalhados, com riscas de sangue e cada um virado para um lado. Motivo de orgulho, o nariz enorme, em forma de bico de papagaio, com a ponta quase entrando na boca de um único dente amarelado e carcomido, compõe o reflexo devolvido pelo espelho, que se completa com o cabelo despenteado, cor de cinza, roupas gastas e esfarrapadas (JACOBY, 2009, p. 89).

³Joana D’Arc foi uma personagem importante para a história francesa durante a Guerra de Cem Anos, contra a Inglaterra. Ela decidiu entrar para o exército a fim de ajudar seu país. Essa motivação se deu devido às visões que tinha; segundo ela, mensagens vindas de alguns santos e arcanjos. Foi queimada viva pela Inquisição, acusada de praticar feitiçaria.

Todavia, a literatura infantil contemporânea trouxe em voga bruxas que fogem a estes estereótipos. Essas “novas” personagens, se é que assim as podemos considerar, passam a serem dotadas de características peculiares. Suas atitudes não são mais maldosas, mas ainda sim usam de alguns poderes sobrenaturais. Algumas das características elencadas por Jacoby (2009) ainda permanecem, como a aparência senhoril, como é o caso da bruxa Jezibaba, do livro “A bruxa Jezibaba e a menina bordadeira”, de Fábio Sombra; presença de objetos que auxiliam na feitiçaria, como no livro “Carona na Vassoura” de Júlia Donaldson e Alex Scheffler; além da utilização de poderes sobrenaturais como a bruxa do livro “A Bruxinha Atrapalhada” de Eva Furnari.

Os estudos sobre a caracterização e papéis que essa personagem desempenha, como os trabalhos de Machado (2005), Laitano (2008), Menon (2008), Jacoby (2009), Santana (2011), vêm demonstrando que ela é uma representação importante nos livros literários infantis. Assim, “constata-se que as bruxas vão deixando de desempenhar o papel de coadjuvante para atuarem na qualidade de protagonistas, ganhando um espaço maior e de maior significância” (MACHADO, 2005, p.15).

Fundamentação teórica

O surgimento da literatura infantil é recente. Anterior a ela já existia a literatura destinada aos adultos, que também era compartilhada com o público infantil, visto que naquele período não existia distinção entre “coisas de adulto” e “coisas de criança”. Seus primeiros exemplares surgem na França, na segunda metade do século XVII no reinado de Luís XIV (NASCIMENTO, 2006). Sua gênese se dá em meio a diversas transformações sociais e com o propósito de educar crianças e jovens franceses de acordo com a moral da época.

Dentre essas transformações, podemos destacar a ascensão da burguesia e a decadência do sistema servil do Feudalismo. Elas contribuíram para a efervescência do renascimento cultural que, por consequência, levou a sociedade a reformular seu modo de enxergar o mundo. Essas mudanças, contribuíram para a construção do conceito de infância e suas subjetividades.

Com o início da formulação de tal conceito, – baseado nos princípios cristãos de pureza e inocência – cria-se, a necessidade de separar estes indivíduos, adulto e criança. Além disso, outro fator foi fundamental para o seu surgimento: a reorganização da escola.

Com a implantação do ensino gratuito e obrigatório para todas as classes sociais, as crianças deixam os ambientes das fábricas e passam a habitar escolas, que por sua vez davam-lhes acesso à literatura. É neste contexto que ela surge, cumprindo a função de mediar a criança com o novo mundo que a cerca.

As histórias infantis deste período são marcadas pelas questões políticas, sociais e econômicas vivenciadas por aquela sociedade. Os autores que ganharam destaque por darem início a estas narrativas foram os alemães Jacob Grimm (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786-1859), o dinamarquês Hans Christian Andersen (1805-1875), e também o francês Jean de La Fontaine (1621-1695).

Nas fábulas de La Fontaine pode-se perceber as denúncias de injustiças e miséria enfrentada por aquela população. Assim como ele, as histórias de Perrault, datadas do século XVII, são marcadas pela valorização da moral e formação dos bons costumes, principalmente de meninas e moças, devido seu trabalho religioso de preceptor das filhas do rei. Como afirma em seu conto “Chapeuzinho Vermelho” (1697):

Vemos aqui que as meninas,
E sobretudo as mocinhas
Lindas, elegantes e finas,
Não devem a qualquer um escutar.
E se o fazem, não é surpresa
Que do lobo viram jantar.
[...]
Esses doces lobos, com toda educação,
Acompanham as jovens senhoritas
Pelos becos afora e além do portão.
Mas ai! Esses lobos gentis e prestimosos,
São, entre todos, os mais perigosos.
(Perrault 1697, apud MACHADO, 2010, p. 82)

As bruxas, nesses contos, eram a grande causa do pavor contido nas histórias infantis. Mistura de ser místico e ser humano, elas são um dos meios para causar o medo e, conseqüentemente, recurso para educar os mais jovens.

Em histórias como *João e Maria*, *A bela adormecida* e *Branca de Neve* de Perrault, essas personagens possuem características aterrorizante, como mostram as imagens de Jessie W. Smith (1919) e Arthur Rackham (1909) – ilustrações referentes ao conto de fadas João e Maria. Cabe ressaltar que as imagens são do século XX e a narrativa verbal do século XVII, desta forma podemos observar os diferentes tipos de roupas, cada uma delas típica do século em questão:



(Fonte: Rackham, 1909)



(Fonte: Smith, 1919)

Ainda em João e Maria, o autor discorre sobre a aparência dessa personagem:

De repente a porta se abriu e uma mulher *velha* como Matusalém [...]. As bruxas têm olhos vermelhos e não conseguem enxergar de muito longe, mas, *como os animais*, têm um olfato muito apurado e sempre sabem quando há um ser humano por perto. Quando sentiu João e Maria se aproximando, a velha riu cruelmente (1697, apud MACHADO, 2010, p. 168 e 169).

Tem-se assim, a representação feminina, com aparência velha, pele enrugada, presença de verrugas no nariz, cabelos desgrenhados e com mechas brancas. Além

disso, elementos de vestimentas compõem a caracterização dessa personagem: vestidos escuros, – geralmente nas cores pretas, roxas e ou marrons – chapéus e botas com bicos pontiagudos e grandes – também em cores escuras. Elas trazem consigo objetos mágicos, como caldeirões e varinhas; e animais de estimação, como exemplo corujas, sapos e corvos.

No Brasil, a literatura infantil chega aproximadamente um pouco antes no início do século XX. As obras, em sua grande parte, eram traduções das produções européias e não correspondiam com a realidade do nosso país. É somente no início do novo século que autores como José de Alencar e Olavo Bilac – consagrados da literatura adulta – começam a explorar o universo infantil.

Porém, o grande ápice se dá com as produções de Monteiro Lobato, que revela em suas obras experiências únicas a este público. Coelho ressalta sua importância:

Foi em pleno período de confronto entre o tradicional (formas já desgastadas do Romantismo/Realismo) e o moderno (representado pelo Modernismo de 22) que Monteiro Lobato inicia a invenção literária que cria o verdadeiro espaço da literatura infantil no Brasil. (COELHO 1995, p. 57)

Para ela, Lobato é um “divisor de águas” da literatura infantil brasileira. As fases histórico-literárias da literatura infantil podem ser divididas em *Precursora: período pré-lobatiano* que vai de 1808 até 1919; *Moderna: período lobatiano* dos anos 20 aos anos 70; e, por fim, *Pós-Moderna: período pós-lobatiano* que tem início após os anos 70.

Este autor oferece narrativas que exaltam as crianças, tornando-as heróis e protagonistas das histórias, mostra e as fazem compreender questões do universo adulto, através de uma linguagem simples e objetiva. Além disso, busca evidenciar assuntos que estimulem a curiosidade, criatividade, imaginação e humor das crianças. Tudo isso, através de histórias marcadas por uma linguagem coloquial e repleta de neologismos.

Outro traço notável das obras de Lobato é o espírito nacionalista. Sempre destacando os elementos da fauna e flora do nosso país, como também do folclore brasileiro. No livro *Reinações de Narizinho* (1931) – base para a série *Sítio do Picapau Amarelo* – é possível encontrá-los: o ribeirão onde as crianças se encontram para nadar e brincar, o pomar onde se deliciam com vários pés de frutas, especialmente jabuticabas e personagens como o Curupira, Saci e a Cuca – mistura de espécie humana com crocodilo, representando o mal, o antagonismo.

A personagem Cuca aparece como a representação da bruxa europeia, porém com elementos da nossa cultura, no caso o folclore. Ela é impregnada de aspectos que as bruxas europeias têm: presença do caldeirão, mora em uma caverna assustadora e sombria, botas e vestidos, cabelo desgrenhados etc. Cabe ressaltar que se trata de um novo formato de antagonismo aos heróis e não mais uma imitação, evidenciando o espírito nacionalista de Lobato.

A partir de 1970, outros autores começam a escrever para crianças e novos formatos de bruxas vão aparecendo. Dentre elas, bruxas boas, mas que ainda carregam elementos das bruxas tradicionais, como as de Perrault. Autoras como Eva Furnari e Sylvia Orthof são algumas delas.

Esses novos livros apresentam bruxas que praticam o bem, ajudam os demais personagens das narrativas e habitam até mesmo casas em bairros residenciais. Elas ainda são atrapalhadas e dotadas de humor.

Metodologia

Este artigo visa explorar e analisar três bruxas, de três diferentes livros, destacando os elementos de permanência e de transformação que elas manifestam. Além disso, apresentaremos o impacto dessas novas personagens para a literatura infantil.

Os livros escolhidos para a análise são *João e Maria* (1697), dos irmãos Grimm, com publicação em coletânea pela editora Zahar e que também reúne obras originais de autores como Andersen e Perrault. O segundo livro é *Uxa ora fada, ora bruxa* (1985) com assinatura de Sylvia Orthof, ilustrações de Gê Orthof e publicação da editora Nova Fronteira. Por fim, a obra de Julia Donaldson - texto verbal – e Axel Sheffler – texto imagético – *Carona na Vassoura* (2001), que foi publicada pela editora Brinque-book.

A motivação para a escolha dos três livros deu-se em função da época em que foram publicados pela primeira vez. Nota-se que os três são de séculos distintos e, diante disso, consideramos que existam transformações interessantes a serem exploradas, uma vez que as personagens bruxas estão em contextos sociais diferentes. Além das transformações, buscaremos compreender quais os elementos de permanência foram mantidos.

A história de João e Maria é oriunda dos contos de tradição oral e foi publicada no século XVII pelos irmãos Grimm. Na coletânea feita pela editora Zahar, o texto verbal reúne elementos e descrições que retratam como é a personagem bruxa.

Segundo o conto, o país passava por uma grave crise de fome e assim como as demais pessoas, o pai e a madrasta de João e Maria também estavam assolados por esse transtorno. Como solução para a fome, a mulher sugere ao pai que abandone as crianças na floresta, assim eles, os adultos, economizariam comida e não morreriam de fome. O homem resiste à ideia, porém, não descobrindo outra solução, aceita a sugestão da esposa. A conversa é ouvida pelos irmãos, inicialmente Maria chora muito e João a consola dizendo que encontrará uma forma de trazê-los para casa novamente. O garoto sai do quarto, vai até em frente à casa, pega muitos seixos cintilantes – espécie de fragmentos de mineral ou rocha – e os espalham pelo caminho, alternativa que os ajudam retornar para casa.

Porém, o mesmo não aconteceu na segunda tentativa. O pai lenhador e a madrasta levaram as crianças novamente para floresta, a fim de deixá-las por lá, e João espalhou migalhas de pão pelo caminho, para tentar voltar para casa, como na primeira vez. Todavia, os passarinhos comeram todo o alimento, fazendo com que os irmãos se perdessem na mata. Após muito caminhar, encontraram uma casa feita de pão, bolo e açúcar. Eles rapidamente começaram a devorar as paredes e telhados da casa.

Neste momento, a porta se abre e uma “senhora velha como Matusalém” (GRIMM, 1697, apud MACHADO, 2010, p. 168) e que não envergava muito bem de longe, “mas, como os animais, tinha o olfato muito apurado” (GRIMM, 1697, apud MACHADO, 2010, p. 169). Essa senhora era, na verdade, era uma bruxa muito malvada que desejava comer as crianças para matar a fome. Porém, os irmãos não desconfiaram de nada e entraram na casa de doces. Ao entrar, a bruxa os tranca em sua moradia e foi somente quando ela estava prestes a cozinhar João, que Maria consegue empurrar a mulher para dentro do forno em chamas. Ela solta o irmão e os dois retornam para casa.

O segundo livro analisado, *Uxa ora fada, ora bruxa*, conta a história de uma bruxa que sempre mudava de opinião. Quando ela acordava no dia do sim, concordava com tudo, fazia caridades e se vestia semelhante às fadas. Já quando acordava no dia do

não, discordava de tudo e se vestia como bruxa, trocando a varinha de condão pela vassoura. Ela é uma bruxa que tenta ser fada, mas após algumas tentativas, desiste.

Para Coelho (2003), existe uma tenuidade entre bruxas e fadas, que pode ser explicada pela dualidade da existência feminina. A fada representa o lado amável, bom, solidário e belo presente na figura da mulher; enquanto a bruxa simboliza a parte contrária, ou seja, a face vingativa, cruel e feia. Além disso, a intencionalidade das ações também as diferencia: as fadas têm poderes sobrenaturais e os utiliza para reverter uma situação de modo positivo e a bruxa de modo negativo.

O livro *Carona na Vassoura* narra a história de uma bruxinha diferente. Sempre que voava com seu gato em sua vassoura, perdia seus adereços – chapéu, laço e varinha. Ao pousar, contava com a ajuda de alguns animais para encontrá-los e como retribuição, os carregava em sua vassoura. Até que, certa vez, perdeu sua maior preciosidade: a varinha. Isso fez com que ela ficasse indefesa, diante de um enorme dragão. Todavia, seus amigos se juntaram para ajudar e livrar a amiga daquele grande perigo.

Nota-se que em cada livro a personagem bruxa assume uma posição. Essas obras nos levam a pensar novas possibilidades dessas figuras e nos indagam: Elas ainda são bruxas? Ou novas fadas? Quais suas similaridades? São essas questões que o presente artigo pretende responder.

Resultados e discussões

No primeiro livro analisado, *João e Maria* dos irmãos Grimm, a personagem bruxa assume a postura tradicional que, costumeiramente, esperamos de uma bruxa: atitudes perversas, desejo ávido de saciar sua fome e aparência senhoril e assustadora. Já na obra *Uxa ora fada, ora bruxa*, é possível notar a que a protagonista Uxa, uma bruxa, anseia viver como uma fada, ao conseguir, fica entediada com tanta bondade que precisa realizar e logo se transforma novamente em na terrível bruxa. O livro retrata a dualidade entre o bem e o mal, fada e bruxa, sim e não. Enquanto o último exemplar analisado tem como protagonista uma figura que, embora seja uma bruxa, foge aos estereótipos de tal criatura. Ela usa de seus poderes para fazer o bem, acolher novos amigos e acaba atrapalhando-se ao voar em sua vassoura.

Em *João e Maria*, conto datado do século dezessete, a bruxa cruel é uma figura que auxiliava as famílias na educação de seus filhos. Ela representa o mal que pode acontecer às crianças que andarem sozinhas ou passarem por lugares que não devem.

Uxa, da história de Sylvia Orthotf, representa a possibilidade, a liberdade de ser e estar onde quiser. Ela, assim como a sociedade dos anos 80, anseia por descobertas, criações e oportunidades.

Já a bruxa do livro *Carona na vassoura*, desconstrói padrões, isso porque, mostra-nos que é possível uma bruxa, simultaneamente, ter poderes e ser frágil, possuir um caldeirão de feitiçaria e ajudar todos os animais que encontra pelo caminho. Ela reafirma a potencialidade da literatura contemporânea, que se constrói, desconstrói, afirma, contradiz e permanece.

Assim como a literatura, a personagem bruxa também transcende aos padrões, aos preconceitos, e também aos tempos.

Considerações Finais

Como resultado, observou-se que o contexto histórico-social influencia e altera padrões, ainda que algumas características sejam mantidas. Desta forma, as bruxas analisadas são, também, produtos de uma determinada época e sociedade.

Os livros analisados, de diferentes datas, evidenciam que embora as personagens sejam distintas, bem como suas atitudes, a essência da figura da bruxa se mantém, ainda que para criar distintas situações.

Em suma, diante de todas as mudanças estéticas e atitudinais, as bruxas podem ser consideradas figuras renovadas na literatura infantil.

Referências

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira: séculos XIX e XX**. São Paulo: EDUSP, 1995.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas: símbolos mitos arquétipos**. São Paulo: DCL, 2003

ECO, Umberto. **História da feiúra**. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2014.

JACOBY, Sissa. **A bruxa no imaginário infantil: A última bruxa de Josué Guimarães**. *Letras de hoje*. Porto Alegre, 2009, v. 44, n. 4, p. 86-91, out./dez.

LAITANO, Paloma Esteves. **A Bruxa Onilda e sua trajetória heroica: uma representação da bruxa como herói na literatura infantil**. *Letrônica*. Porto Alegre v.1, n.1, p. 250, out. 2008.

MACHADO, Denise da Silva. **A presença da bruxa na literatura infantil contemporânea**. Criciúma, jul. 2005.

MACHADO, Ana Maria (Org.). **Contos de Fadas de Perrault, Grimm, Andersen e outros**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. 284 p.

MENON, Maurício Cesar. **Da Bruxa na Literatura Brasileira do Século XIX**. *XI Congresso Internacional da ABRALIC: Tessituras, Interações, Convergências*. São Paulo, jul. 2008.

NASCIMENTO, Zilda Elena Vieira. **A importância da literatura no Desenvolvimento infantil**. Americana, 2006.

NOVINSKY, Anita. **A inquisição**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

SANTANA, Patrícia Maria dos Santos. **E a bruxa viveu feliz para sempre: Lya Luft desconstruindo um mito feminino em seus livros infantis**. *E-escrita*. Nilópolis, v. 2, n 4, Jan.- Abr. 2011.

Livros de literatura infantil analisados no artigo

MACHADO, Ana Maria (Org.). **Contos de Fadas de Perrault, Grimm, Andersen e outros**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

ORTHOF, Sylvia; ORTHOF, Gê. **Uxa ora fada, ora bruxa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. [8. ed.]

DONALDSON, Julia; SCHEFFLER, Axel. **Carona na vassoura**. São Paulo: Brinquê-book, 2012.